

IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DOS MILAGRES DA CIDADE BREJO DO CRUZ (PB): UM PATRIMÔNIO COM AUTENTICIDADE EM RISCO

Kaliane Muniz de Figueiredo ¹
Maria Isadora Fernandes da Silva ²
Fernando de Oliveira Morais ³

RESUMO

O presente artigo busca expor a descaracterização ocorrida através dos anos, por meio das constantes mudanças envolvidas ao patrimônio cultural edificado na arquitetura da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres, construída na segunda metade do século XVIII, localizada na cidade de Brejo do Cruz, sertão da Paraíba. A paisagem constituída pelo patrimônio cultural edificado presente no entorno da igreja é considerada o repositório da história e do desenvolvimento da cidade demonstrado a partir dos estilos arquitetônicos e usos que se desenvolveram ao longo dela. A problemática ocorre quando esse patrimônio edificado começou a passar por processos de adaptações realizados de forma desastrosa descaracterizando o edifício, ou até mesmo demolindo parte de seus elementos arquitetônicos, desvinculando o patrimônio edificado de sua identidade local. Na tentativa de salvaguardar a história apresenta-se a base gráfica deste material, como planta baixa e volumetria contribuirá para análise de futuros trabalhos, visto que estes desenhos da igreja não são inéditos, como também se conta com a realização de fontes bibliográficas, iconográficas e visitas in loco que permitem registrar a história da igreja e suas transformações o longo dos anos. Com a pesquisa e a análise pretende-se salvaguardar o levantamento arquitetônico e o registro histórico, além de apontar os prejuízos para o patrimônio e identidade local, pois a paisagem alterada resulta na forma com que o indivíduo se relaciona com ela, restando a autenticidade ser encontrada nos registros reminiscetes.

Palavras-chave: Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres, Brejo do Cruz (cidade), Levantamento, História, Memória.

INTRODUÇÃO

A memória histórica advém das construções referenciais entre passado e presente e através dela pode-se conectar história, identidade e espaço. A partir disso, Diel (2015) afirma que resgatar a memória é de suma importância para a construção da identidade de indivíduos e grupos. Ainda para o autor, “a memória relaciona-se diretamente com o passado e se manifesta através dos acontecimentos do presente, ativando o passado e até mesmo o reconstruindo, a

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Patos - PB, kaliane.kmf@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Patos - PB, isadorafernandes92@gmail.com;

³ Professor orientador: mestre, Faculdades Integradas de Patos - PB, fernandomorais@fiponline.edu.br, (83) 3322.3222

partir de novas necessidades e questionamentos” (DIEL, 2015, p. 12). A história e a memória de uma sociedade estão extremamente interligadas, e no momento que estas começam a desaparecer com o passar do tempo, vê-se o importante papel do registro e preservação, com o objetivo de manter a identidade cultural e modos de vida dessa sociedade. Ao modo que as cidades veem passando por transformações cada vez mais rápidas, preservar o seu patrimônio histórico e cultural é necessário, a vista que ele também mostra a evolução das construções, técnicas construtivas e as transformações das sociedades de diferentes épocas (FERNANDES; FIGUEIREDO, 2017). Pesavento acrescenta que:

Recuperar a cidade do passado implica de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em outro tempo. [...] Ou seja, para o resgate da memória e da história de uma cidade é preciso convocar e recolher registros de outra época, testemunhos e traços de diferentes naturezas, que possam dar conta das transformações do espaço urbano no tempo (PESAVENTO, 2005, p. 11).

Diante do exposto, reflete-se acerca das constantes mudanças envolvidas na arquitetura da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres, localizada na cidade de Brejo do Cruz, sertão da Paraíba, e constituinte como importante fonte histórica e cultural para o município, contudo, está passível de reformas e descaracterizações espaciais, deste modo, surge o interesse de se realizar um levantamento arquitetônico e histórico que registre os elementos construtivos a fim de salvaguardar a memória arquitetônica e cultural do local a fim de auxiliar no processo de salvaguarda da memória arquitetônica e cultural do local. Espera-se que a base gráfica deste material, como planta baixa e volumetria da maquete eletrônica, possa contribuir para análise de futuros trabalhos, visto que estes desenhos são inéditos, como também este artigo registra toda a história da igreja e suas transformações ao longo dos anos.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de caráter qualitativo enfatizando a pesquisa em campo, definida pela coleta dos dados e seguida da análise e a interpretação do material obtido, com o objetivo de explanar o problema pesquisado. O desenvolvimento do trabalho foi realizado em pesquisas bibliográficas e arquivista, levantamento de relatos de memória da igreja, apreensão do entorno da igreja e levantamento arquitetônico da mesma, todos adequados ao tipo de dados que se pretende obter:

1. Conceitualização sobre memória: para um melhor embasamento do trabalho realizou-se uma busca bibliográfica através de livros e artigos relacionados ao conceito de memória, já que irá trabalhar com relatos dos moradores da cidade. Parte dos autores encontrados podem ser citados: Pesavento (2005), Diel (2015) e Araripe (2012).

2. Pesquisa bibliográfica e arquivista da cidade de Brejo do Cruz e da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres: foi realizada uma busca em arquivos da prefeitura, no acervo disponível na biblioteca municipal da cidade, como também na paróquia, mas o encontrado foram apenas um Devocionário (Nossa Senhora Milagres) com algumas imagens antigas e datas da criação da igreja e o outro achado foi o livro “Brejo do Cruz: Sua História e sua Gente” (OLIVEIRA, 2004), que conta toda a história da cidade de Brejo do Cruz. Também se obteve um artigo (SILVA; FERREIRA, 2018) onde fala um pouco sobre o município que serviu para embasamento do trabalho.

3. Levantamento de relatos de memória da Igreja Matriz: foi realizado um levantamento com moradores da cidade a fim de extrair o máximo de informações possíveis sobre a história da igreja para somar ao que já havia sido colhido através da pesquisa bibliográfica. Procurou-se conversar com pessoas de mais idade, que provavelmente seriam as que teriam mais informações como também com o pároco, que contou alguns relatos que serviram de base para a pesquisa.

4. Apreensão do entorno da Igreja: contou com o levantamento dos elementos que circundam a igreja, por meio da visita *in loco* que permitiu a elaboração de mapas de uso do solo, gabarito (altura), acesso, fluxos; além do resgisto de fotos.

5. Levantamento arquitetônico da Igreja: foram realizadas visitas *in loco* onde foi feito o registro fotográfico das fachadas e do ambiente interno da igreja, como também verificado todas as medidas da mesma, para que pudesse ser feita sua planta baixa, já que não foi encontrado em nenhum registro, seguido da elaboração de um redesenho e modelagem da maquete por meio do programa AutoCad e posteriormente a modelagem da maquete eletrônica com o auxílio do programa SketchUp.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, memória é a capacidade de armazenar fatos, conservar ou readquirir ideias, lembranças, é a marca de um acontecimento e ao momento que estas memórias são transcritas elas passam a serem documentos históricos. A

princípio, a memória era considerada como um fenômeno individual, completamente pessoal, mas com o passar do tempo, essa visão foi modificada e a mesma passou a ser entendida também como um fenômeno coletivo e social e que pode ser submetido a transformações e mudanças constantes. Para o sociólogo Michael Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

Passar pela cidade, observando a sua arquitetura, os seus monumentos, nos faz retornar ao passado, pois ali se conserva a sua história, "já que a paisagem urbana é uma das representações físicas da identidade da cidade e de seus habitantes" (DIEL, 2015, p. 12). As edificações do passado se perpetuam no presente, carregadas de seus valores, suas culturas e testemunhos de memória.

O conceito de valor assume uma variedade praticamente infinita de significados que não cessam de se desdobrar, tornando a sua análise cada vez mais complexa e sempre incompleta, exigindo contínua reflexão. Complexa e incompleta, porque a acepção da palavra valor, inserida nos mais diferentes tempos e espaços, varia de indivíduo a indivíduo, de grupo social a grupo social, de sociedade a sociedade (LACERDA, 2012, p. 44).

Ainda acerca sobre valores patrimoniais, a autora discorre sobre os valores dos bens patrimoniais, e como descrito acima, os valores possuem significados diferentes de acordo com grupos sociais, indivíduos e sociedades. Abaixo, são abordados alguns destes, e que foram identificados no objeto de estudo:

- O Valor de antiguidade se refere à idade de um bem e as marcas do tempo, manifesta-se pela oposição ao moderno, a contemporaneidade.
- O Valor de existência é atribuído a bens ou seres vivos pelo simples fato de existirem ou viverem.
- O Valor de uso está relacionado ao tipo de utilização do local, podendo ser para abrigar atividades habitacionais, religiosas, comerciais, culturais, dentre outras.
- O valor histórico de um bem retrata a importância que o mesmo tem em relação a uma determina época, as marcas da evolução da arquitetura, da cultura e da sociedade em geral, desde a sua criação. O valor histórico está carregado de valor cultural, ao passo em que reforça

a identidade de uma sociedade. A cultura não é apenas a reunião de artes, costumes e crenças religiosas, mas, tudo isso agindo entre si.

Diante de tantos tipos de valores atribuídos a igreja, surge à indagação: porque a arquitetura da mesma não está sendo preservada? Como preservar? Para Lemos (1981) preservar é:

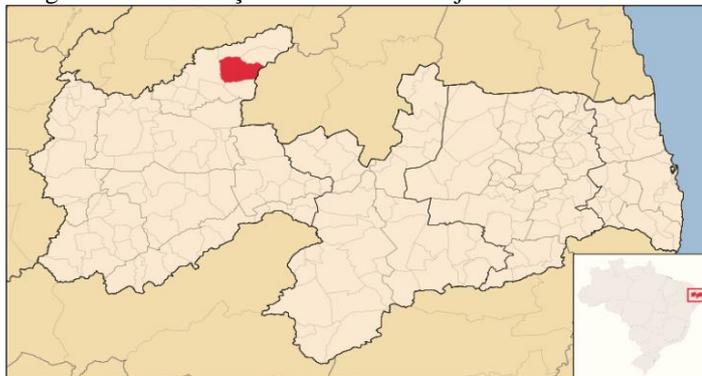
Registrar é sinônimo de preservar, de guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não têm garantias de permanência. Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária (LEMOS, 1981, p.29).

Uma forma de preservar é manter o bem cultural, especialmente o edifício, em uso constante e sempre que possível satisfazendo a programas originais, pois quando estes são mudados, acaba-o descaracterizando, mudando suas origens e dificultando sua memória e historia no passado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Brejo do Cruz está localizado no Estado da Paraíba (Figura 01), mais precisamente na mesorregião do sertão paraibano e microrregião de Catolé do Rocha. O município possui uma população estimada de 14.107 habitantes, em uma área territorial de 399,020 km² (IBGE, 2018).

Figura 01: Localização da cidade de Brejo do Cruz na Paraíba.



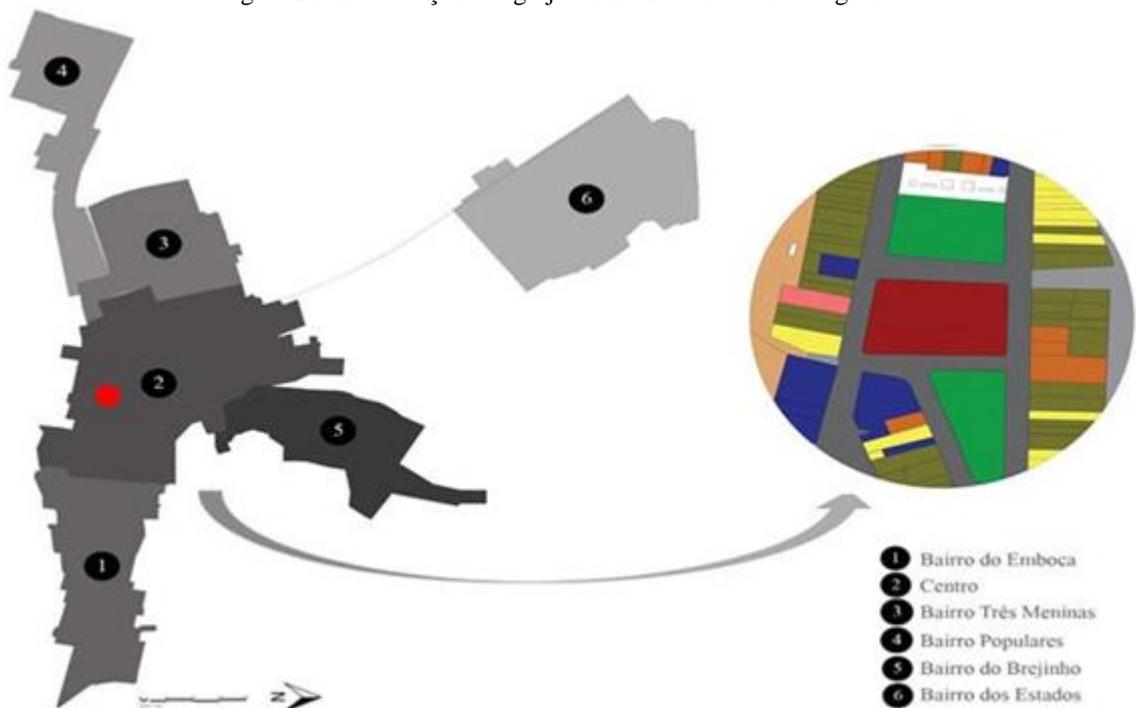
Fonte: Brejo do Cruz (2019).

Brejo do Cruz possui um relevo constituído por partes planas e onduladas, onde se destaca em sua formação a Serra do Brejo. Situada na faixa do domínio quente e seco do semiárido, a cidade está a 199 metros acima do nível do mar (OLIVEIRA, 2004, p. 87).

Ainda de acordo com OLIVEIRA (2004), a denominação Brejo do Cruz é designada pelas palavras - Brejo, devido à presença das águas estagnadas e a umidade do solo; - Cruz, que remete ao nome de Manuel da Cruz Oliveira Lêdo, proprietário da fazenda a que deu origem a atual cidade. O comércio local tem destaque para o artesanato, a confecção de materiais em couro, linho, algodão e em sua agropecuária o cultivo de milho e feijão. Na década de 1990 teve início na cidade a produção de redes de dormir, o que acabou virando a sua principal fonte de renda.

O objeto de estudo da presente pesquisa é a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres, na cidade de Brejo do Cruz – PB. Localizada no bairro Centro (Figura 02), a Igreja limita-se ao leste pela Rua Benjamin Constant, a Oeste pela Rua Sólon de Lucena, ao Norte com Rua Cel. Valdivino Lôbo, e ao Sul com a Rua Antônio Gomes. Possui em seu entorno edificações de uso diversificado como residências, banco, padaria, lanchonetes, enfim, por estar localizada no centro da cidade, a igreja encontra-se em uma área bem movimentada (Figura 03).

Figura 02: Localização da Igreja Nossa Senhora dos Milagres



Fonte: Ramon Targino, modificado pelos autores, 2018.

Figura 03: Entorno da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

A história da Igreja da Nossa Senhora dos Milagres é bem mais antiga do que a própria história política da cidade e se mistura com a criação dos primeiros povoados ali existentes. Historicamente o município de Brejo do Cruz teve início em meados do século XVIII, onde a fertilidade de seu solo e a existência de mananciais atraíam pessoas de várias regiões.

Dentre os primeiros povoadores tem destaque o português Antônio Barroso Pereira, que se fixou em um sítio chamado Olho D'Água do Meio no ano de 1600. No entanto, a atribuição de fundação do povoado é atribuída a Manoel da Cruz Oliveira Lêdo, famoso desbravador do Sertão Paraibano, por volta de 1700, que se instalou no sítio Olho D'Água dos Boqueirões. Segundo Oliveira (2004, p. 94), o senhor Manoel da Cruz, sensibilizado com as histórias de milagres ocorridos em sua propriedade, determinou que fosse construída uma rústica capelinha sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres. E por motivos dos milagres também, o sítio Olho D'água dos Boqueirões teve seu nome mudado para Olho D'água dos Milagres (OLIVEIRA, 2004). Ainda a esse respeito, Oliveira (2004) diz:

Conta a tradição que um dos milagres ocorridos na região, Foi Quando Manoel da Cruz Oliveira estava conduzindo um rebanho muito numeroso vindo da região do Rio do Peixe (Cajazeiras-PB) e, passando por Souza e Catolé do Rocha, alcançou finalmente, o lugar onde hoje se encontra a cidade de Brejo do Cruz. O gado além de faminto e sedento, pois na região havia pouquíssima passagens molhadas. Enquanto o pessoal descansava, o rebanho de Manoel da Cruz Oliveira, embrenhava-se pela aba da Serra do Brejo em busca de água e pasto. Em poucos instantes, desaparecera todo o rebanho desobedecendo até o aboio inútil dos vaqueiros que o conduzia. Manoel da Cruz Oliveira, temeroso dos ataques traiçoeiros dos indígenas e a perda total do gado, já que a região para ele era desconhecida e inóspita, via sua esperança em recapturar o rebanho cada vez mais distante. O medo humano daquela montanha misteriosa, o cansaço físico que também o desanimava naquele fim de tarde, em que tudo que se ouvia eram esturras de onças nas furnas, das serras e a noite densa chegando com um coberto de luto ao redor de Manoel da Cruz Oliveira. Ao ver todo este cenário a sua volta, Manoel da Cruz Oliveira concluiu que o único socorro que poderia

(83) 3322.3222

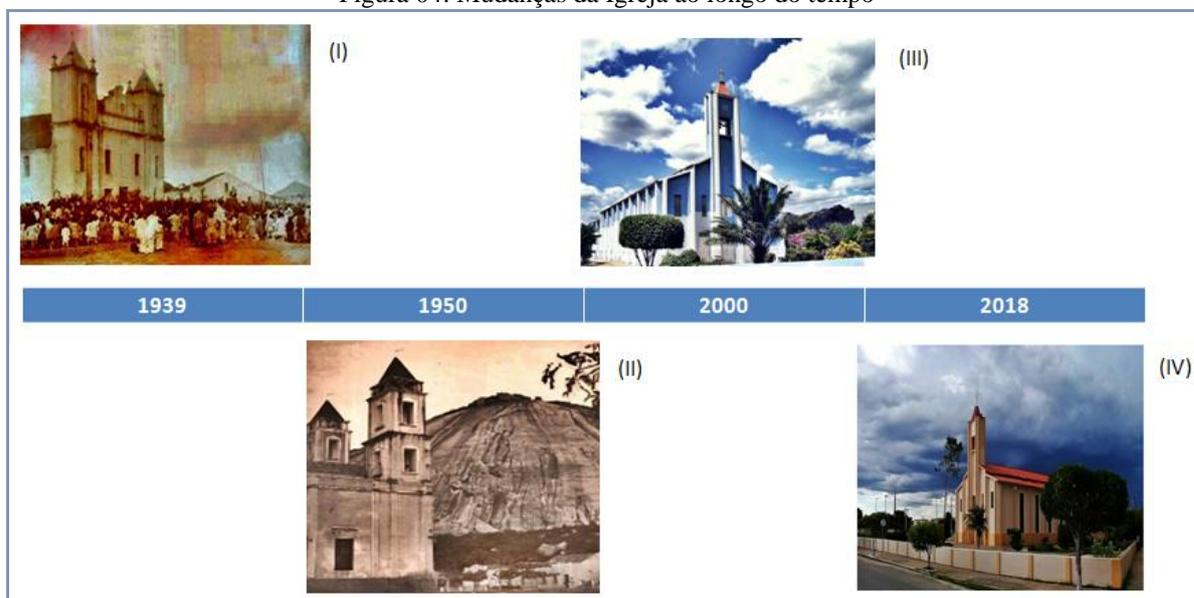
contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

naquele instante lhe valer seria do céu e, entre o desespero e a fé, ajoelhara-se sobre o solo brejo-cruzense a clamar contrito pela Mãe de Jesus, ali mesmo no lugar em que prometera erigir uma capela em homenagem à Virgem Mãe, Nossa Senhora dos Milagres, pedia ele em súplica e devoção para não ser atacado por índios e, que seu rebanho encontrasse ali água abundante e bons pastos, evitando assim a dispersão. Consagrando toda a sua vida e também o seu rebanho à Virgem Maria, seu corpo cansado adormeceu em meio ao ermo, e o que se acredita até hoje é que o milagre realmente aconteceu, pois ao amanhecer o dia, o gado estava intacto, reunido ao redor de um bebedouro, onde uma vegetação muito verde constatava com a paisagem causticante da região. Feliz e encantado, Manoel da Cruz Oliveira, denominou aquele lugar de Olho D'Água dos Milagres (OLIVEIRA, 2004, p. 95-96).

A data da construção da capela é um pouco divergente entre os historiadores, uns afirmam que é datada no ano de 1752, outros, que é do ano de 1760, não se sabe ao certo. Sabe-se que a mesma, por mais de um século, aproximadamente, passou apenas por pequenas reformas que em quase nada transformavam sua fachada primitiva. A sua ampliação veio ocorrer por volta de 1870, dando origem a construção da Igreja Nossa Senhora dos Milagres que em 1950, ainda em boas condições estruturais passou por uma reforma, depois por mais outras. A estrutura da igreja foi tão modificada ao longo dos anos que a mesma que possuía duas torres, passou a ter apenas uma, como é encontrada atualmente (Figura 04).

Figura 04: Mudanças da Igreja ao longo do tempo

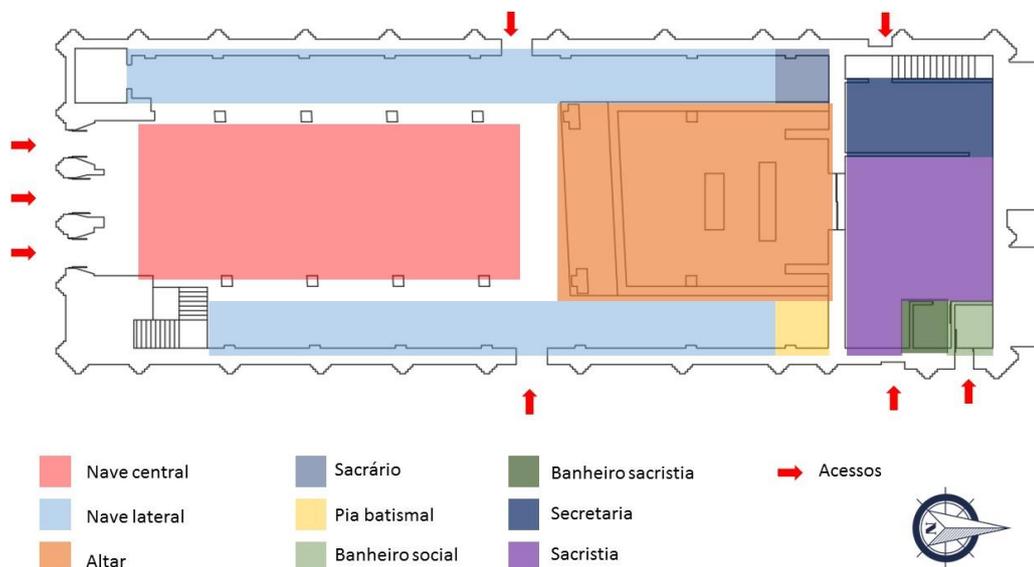


Fonte: Aurilio Santos, modificado pelos autores, 2018.

Um fato curioso que contam os moradores mais antigos é que a senhora dona Manuela da Silva Correia, doadora do terreno em que foi construída a capela, pediu que a mesma fosse erguida de frente para sua residência, na posição inclinada, daí o motivo da sua inclinação para o Sul. A planta baixa da igreja (Figura 05) possui um formato retangular, e lembra as plantas baixas do estilo barroco brasileiro. A mesma possui nave central e nave lateral, o coro está em um pavimento superior e se encontra voltado para o altar, este, voltado para as entradas principais, a sacristia por trás do altar possui uma entrada também por fora da igreja. A planta

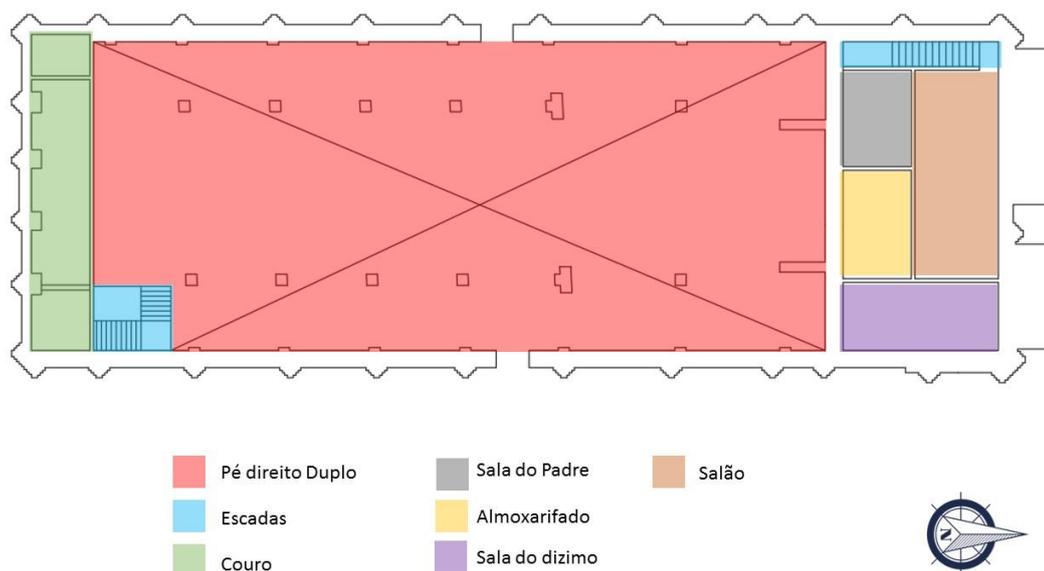
original do pavimento térreo, foi acrescentada o banheiro social. A planta baixa do pavimento superior (Figura 06) que antes possui apenas o Coro, foi acrescentada um anexo acima da sacristia para ocupar a sala do padre, almoxarifado, sala do dizimo e um salão.

Figura 05: Planta Baixa Pavimento Térreo



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Figura 06: Planta Baixa Pavimento Superior



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

O piso original da igreja é o Ladrilho Hidráulico, onde é encontrado na nave central e nave lateral (Figura 7 (I), (II) e (III)), esse tipo de revestimento é derivado dos mosaicos bizantinos e foi criado para decorar pisos e paredes, expressando a arte e a religiosidade que remontam ao século IV (WAMZER, 2011). O piso do altar na época da criação da igreja era de um tipo de revestimento de tonalidade avermelhada que não foi possível identificar qual seria.

pois não foram encontrados registros fotográficos e nem alguém que soubesse descrever ao certo. Com o passar do tempo houve a mudança deste piso para revestimento cerâmico (Figura 7 (IV)), por fim, com entrada de um novo pároco, o mármore passou a ser o novo piso. Os demais ambientes como secretaria, sacristia, coro e outros, também receberam o revestimento cerâmico.

A igreja é toda construída em tijolos de barro, suas paredes são emassadas em massa corrida e pintadas com tinta acrílica branca em seu interior e amarela em seu exterior e são revestidas, juntamente com as colunas, em granito, a uma altura de 1,1m. Essas paredes possuem espessura de 0,7m e são características das antigas construções da época na região. A sua cobertura é feita por telha cerâmica colonial (Figura 8).

Figura 7: Pisos da Igreja



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Figura 8: Materiais



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

As portas são em madeira e possuem bandeira com detalhes em vidro, apresentando uma ou duas folhas (Figura 9 (I)), exceto, a porta que dá acesso à sacristia que é de vidro e possui quatro folhas, sendo duas fixas e duas de correr. Na época da criação da igreja, a mesma possuía todas as suas janelas em madeira, mas estas foram substituídas com o passar do tempo por janelas basculantes em ferro. No ano de 2015 houve mais uma mudança e as basculantes foram trocadas por vitrais com imagens religiosas (Figura 9 (II), (III) e (IV)), uma pequena parte inferior desses vitrais se abre em forma pivotante.

Figura 9: Portas, janelas e vitrais



Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Foi desenvolvida a modelagem das fachadas (Figura 10) a igreja no *software* Sketchup para melhor identificar os seus elementos construtivos, afim de encontrar o seu estilo arquitetônico. Após uma análise, ficou difícil determinar a qual estilo a mesma esta inserida, devido as constantes transformações. Com isso a modelagem também servirá como resgistro para as futuras gerações.

Figura 10: Estudo de fachadas





Fonte: Acervo dos autores, 2018.

Em 2019 a parte externa a Igreja passa por mais uma reforma, onde a balaustrada foi retirada e será colocado uma grade de ferro com aproximadamente 2,5m de altura (Figura 11).

Figura 11: Imagem da Igreja em 2018 e proposta de nova reforma, respectivamente



Fonte: Acervo dos autores e acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres, respectivamente.

Também haverá modificação nos jardins e a criação de um palco na lateral onde serão realizadas as festividades da Igreja que ocorrem no final de ano e atraem uma grande quantidade de fieis (Figura 12).

Figura 12: Proposta de reforma no exterior da Igreja



Fonte: Acervo da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres.

No presente trabalho pôde-se comprovar que a igreja possui diversos tipos de valores e estes são pontos fortes da edificação. O quadro abaixo faz referência aos principais valores nela encontrados.

Quadro 1: Valores da Igreja Nossa Senhora dos Milagres

VALOR DE ANTIGUIDADE	A igreja, sendo uma edificação secular, possui muitas características que precisam ser preservadas ao longo do tempo.
VALOR DE EXISTÊNCIA	A igreja que foi inicialmente uma simples capela e que ao longo dos anos passou por muitas transformações tem um valor inestimável à população.
VALOR DE USO	A igreja, ao longo dos seus mais de duzentos anos vem realizando suas celebrações religiosas.
VALOR HISTÓRICO	A igreja guarda a história da criação dos primeiros povoados que surgiram no município de Brejo de Cruz e que se mistura com a sua própria criação. Também retrata a demonstração de fé dos fiéis ao longo de mais de dois séculos.

Fonte: Acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o estudo desenvolvido sobre a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres do município de Brejo do Cruz – PB, a fim de registrar seus elementos construtivos e salvaguardar sua memória arquitetônica e cultural através de um levantamento arquitetônico e histórico, pôde-se também identificar os diversos valores que a edificação possui e a importância da sua preservação para toda uma sociedade.

A principal dificuldade da pesquisa esteve em encontrar documentos e fotos antigas que pudessem contribuir para a elaboração deste trabalho, mas isto não fez com que o mesmo não tivesse um bom resultado, pois através de relatos de moradores e também do pároco da igreja pôde-se tomar grande conhecimento de como foi essa edificação no passado e entender um pouco sobre suas muitas modificações.

Espera-se que este trabalho contribua para a preservação da memória da Igreja, já que a mesma não para de sofrer transformações, e que a base gráfica deste material, como planta baixa e volumetria sirva para análise de futuros trabalhos, visto que estes desenhos não são encontrados em nem uma outra publicação, como também toda a história da igreja e suas transformações ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, F. M. A.. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação** [online]. 2004, vol.16, n.2, pp.111-122. ISSN 0103-3786.
- BREJO DO CRUZ. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Brejo_do_Cruz&oldid=54709974>. Acesso em: 4 abr. 2019.

- DIEL, R. A.. **O inventário do patrimônio arquitetônico enxaimel da área rural de Santo Cristo**. 2015 (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- FERNANDES, A. C.; FIGUEIREDO, D. O. **Casa grande: O patrimônio cultural de São José de Espinharas**. 2017.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brejo do Cruz**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/brejo-do-cruz/panorama>>. Acesso em: 19 set. 2018.
- LACERDA, N.. “Valores dos Bens Patrimoniais”. In: LACERDA, N. & ZANCHETI, S. (orgs.). **Plano de Gestão da Conservação Urbana: Conceitos e métodos**. Olinda: CECI, 2012.
- LEMONS, C. A. C.. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo, 1981.
- OLIVEIRA, D. R..**Brejo do Cruz: Sua história e sua gente**. Brejo do Cruz: Funesc, 2004.
- PESAVENTO, S.. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ** (UFPEL), v. 2, n. 4, 2005.
- POLLAK, M.. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- SILVA, J. V.; FERREIRA, M. L.. **Levantamento da rodoviária municipal de brejo do Cruz (PB)**, 2018.
- WANZER, R.. **O ladrilho hidráulico em interface com a arte e o design em Mato Grosso**. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Estudos em Cultura Contemporânea). Instituto de linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2011.